

Eleitorado carente definiu o primeiro turno

Quarta-feira, o Brasil mostrou sua cara. Que são pelo menos duas. Uma, moderna, progressista, pluralista, de perfil e pib próximos ao primeiro mundo — o desenvolvido. Outra, precária, cheia de carências, de perfil e renda atrelados ainda à porção subdesenvolvida do planeta. Claro que as aspirações dessas duas faces do mesmo rosto teriam de divergir, na forma e no voto. É o que mostram os resultados desta eleição, ainda não definida, mas reveladora do país.

São Paulo, que detém 25% dos 82 milhões de votantes, apostou na dupla Mário Covas e Paulo Maluf. Um pregou a social-democracia sintetizada no “choque de capitalismo”, outro defendeu o primado da competência. Até a noite de ontem, Collor encostava em terceiro e Lula amargava um quarto lugar depreciativo para um PT que aqui firmou suas bases ao ponto de arrebatar um dezena de prefeituras no ano passado.

— Os números de São Paulo mostram que não basta ser de direita ou de esquerda, comenta a pesquisadora Maria D’Alva Gil Kinzo, do Dep. Ciência Política da USP e do Idesp. Há uma com-

petição mais acirrada entre diferentes linhas de pensamento político. As eleições presidenciais refletiram, em São Paulo, o pluralismo de uma sociedade moderna, que não aceita mais o discurso populista.

Erro tático

Essa análise é compartilhada pelo ensaísta e escritor Gilberto de Mello Kujawski, para quem Brizola e Lula cometem erro tático quando dividem o mundo em duas partes. Ou seja, o que não é esquerda, automaticamente é direita. “Esse orgulho explícito da esquerda brasileira — sentença Kujawski — atira todo mundo para o outro lado.” Que, no dia 17 de dezembro, estará representado por Collor.

Se São Paulo e parte da região centro-sul investem no que representa a modernidade, o nordeste acreditou no discurso popular e populista do trio Collor, Brizola e Lula. A professora Maria D’Alva Gil arrisca: “Como hipótese, o nordeste pode estar repetindo São Paulo de três décadas atrás, quando o populismo fragmentou os partidos”. A maciça votação de Lula especialmente

nas Capitais, ou de Brizola surpreendendo no Ceará, reflete uma região urbanizada e industrializada. O nordeste rural virou passado e o peso da máquina governamental deixou de influir. O ensaísta Kujawski vê, nesses números, um eleitorado politizado: “As classes muito pobres, alojadas nos grupos D e E, querem superar sua marginalização”. Ele se surpreendeu com o fôlego do PDT de Brizola. Mas explica: “A força dele não é só regional, está provado. O Brizola não desaparece enquanto persistir a sua base psicofísica, que é o Brasil nacionalista e arcaico.

Duas nações coexistindo e, de algum modo, aguçando ressentimentos. Esse é um dos dilemas evidenciados na eleição. Para o sociólogo Aloísio Azevedo, assessor do “sindicalismo de resultados”, a massa dos despossuídos protestou dia 15 contra sua marginalização.

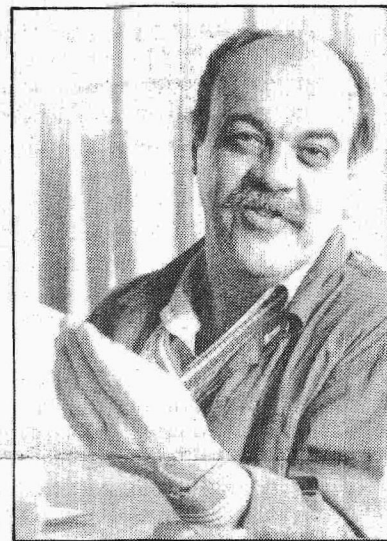
— O problema mais importante, a longo curso — comenta — é como integrar os CDE, isto é, os grupos sociais C, D e E ao mercado e evitar o perigo de um apartheid social. As elites responsáveis por essa situação ficaram isola-

das, porque na eleição que passou nem houve espaço para uma proposta conservadora.

A questão social

A chamada questão social, há muito superada na Europa e Estados Unidos, mostrou-se com toda crueza nos números das apurações. E deve merecer reflexão dos candidatos finalistas, tanto quanto suas articulações políticas. A nível das alianças — observa Maria D’Alva Gil — ambos precisarão caminhar para o centro, o que significa que esta etapa da campanha promete ser menos radical, mais conciliadora. O sociólogo Aloísio Azevedo propõe uma tese:

— Está em curso uma revolução do chamado CDE, numa linguagem de ibope. Quando votou no Collor, o CDE quis dizer alguma coisa. Lembre que Joãozinho Trinta já disse que quem gosta de miséria é intelectual. O povo, não. Collor é uma espécie de dissidente da classe A, embora rico. Mas ele simboliza o sonho do CDE de sair da situação em que vive e fazer uma decolagem para se integrar à civilização. Quanto ao Brizola, ele representa a saudade das conquistas trabalhistas que a ditadura de



Azevedo: o protesto do CDE.

64 enterrou. Já o Lula é a raiva do CDE em relação à elite que a manteve longe do progresso. Lula se propõe a degolar a classe A, igualar por baixo, numa visão quinto-mundista e demodê — porque o socialismo não se viabilizou como alternativa de sociedade moderna. Ora, o PT aponta para esse lado, é um profeta obsoleto.

O segundo turno se decide em São Paulo, o maior colégio eleitoral do País. Pelo menos metade

dos votos do estado estarão em disponibilidade, pois nem Maluf nem Covas resistiram ao protesto do CDE, para aplicar a terminologia de Azevedo. Quem ficará com o espólio? A pesquisadora Maria Teresa Sadek, do Idesp, imagina negociações extremamente delicadas — tanto de quem vai pedir, quanto de quem tem para oferecer. O PSDB, por exemplo, deve terminar a apuração com 14% dos votos, um contingente decisivo. “A situação é bem delicada, explica Teresa Sadek. A militância pode não acompanhar a liderança, dependendo da decisão — aliás, pode até se virar contra quem está sendo apoiado. E tanto o PT como PDT terão problemas para convencer os militantes a aceitar os acordos. Mas de modo algum acontecerá um confronto entre capital e trabalho. Isso não vai dar maioria a ninguém.”

Aloísio Azevedo, pragmático, resume o problema: “A classe média, que é Mário Covas, fez um esforço muito grande mas não chegou lá. O resultado mostra que o CDE predominou, com seus representantes principais — Collor, Brizola e Lula”.